



Raul Signorini\*

## RESUMO

Este artigo examina o conceito de *intencionalidade* conforme apresentado por Sartre em *Uma Ideia Fundamental da Fenomenologia de Husserl: A Intencionalidade*. Mostra-se como este conceito, originalmente husserliano, é reinterpretado e inserido no horizonte existencial. O estudo busca esclarecer como o entendimento da Fenomenologia, segundo Sartre, poderia evitar o idealismo transcendental e o realismo resultante do desenvolvimento da psicologia como disciplina autônoma. Reconstituem-se os argumentos de Sartre que levam a concluir que a consciência deve ser entendida como um ato de transcender-se em direção ao mundo, jamais como uma substância retraída, e que não haveria entre a consciência e o mundo um abismo a ser preenchido, porque ambos são dados de uma só vez. Analisaremos como Sartre reivindica a fenomenologia como uma *filosofia da transcendência* por reinstalar evidência do mundo vivido e recolocar a consciência *no mundo*, recuperando a concretude que as chamadas *filosofias da interioridade* haviam perdido. Por fim, apontar-se-ão as consequências imediatas que o conceito de *intencionalidade* tem para o projeto filosófico de Sartre como um todo, chamando atenção para a mais imediata delas: a rejeição do *Eu puro* husserliano e a abertura para uma nova perspectiva onto-fenomenológica.

**Palavras-chave:** Sartre. Husserl. Fenomenologia. Consciência. Intencionalidade. Filosofia Contemporânea.

## La phénoménologie comme philosophie de la transcendance: la lecture de Sartre sur l'intentionnalité husserlienne

## RESUMÉ

Cet article examine le concept d'*intentionnalité* tel que présenté par Sartre dans *Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: l'intentionnalité*. Il montre comment ce concept, à l'origine husserlien, est réinterprété et inséré dans l'horizon existentiel. L'étude cherche à clarifier comment la compréhension de la phénoménologie, selon Sartre, pourrait éviter l'idéalisme transcendental et le réalisme résultant du développement de la psychologie en tant que discipline autonome. Les arguments de Sartre sont reconstitués, ce qui conduit à conclure que la conscience doit être comprise comme un acte de transcendance vers le monde, jamais comme une substance repliée sur elle-même, et qu'il n'y aurait pas entre la conscience et le monde un abîme à combler, car les deux sont donnés en même temps. Nous analyserons comment Sartre revendique la phénoménologie comme une *philosophie de la transcendance* en réinstallant l'évidence du monde vécu et en replaçant la conscience dans le monde, récupérant ainsi la concrétude que les *philosophies dites de l'intériorité* avaient perdue. Enfin, nous soulignerons les conséquences immédiates que le concept d'*intentionnalité* a pour le projet philosophique de Sartre dans son ensemble, en attirant l'attention sur la plus immédiate d'entre elles: le rejet du Moi pur husserlien et l'ouverture à une nouvelle perspective onto-phénoménologique.

**Mots-clés:** Sartre. Husserl. Phénoménologie. Conscience. Intentionnalité. Philosophie Contemporaine.

Fenomenologia  
transcendência: a leitura de  
intencionalidade husserliana

como  
filosofia da

Sartre sobre a

## I

A fenomenologia sartreana, conforme a abordaremos, não se mostra meramente descritiva, mas parece seguir uma orientação humanista-existencial. Através do conceito de *consciência-intencional*, apresentado em *Uma Ideia Fundamental da Fenomenologia de Husserl: A Intencionalidade*, Sartre busca superar as *filosofias da representação* e inaugura, na via fenomenológica, uma nova proposta que permite que nos afastemos tanto do idealismo transcendental quanto do realismo. Embora, partindo de Husserl, a intencionalidade, para este então jovem filósofo francês, nos daria a chave para analisarmos a consciência de modo diferente do que era feito outrora: uma análise crítica à noção de sujeito e que abriria, para além do campo epistemológico, espaço para uma reflexão profunda sobre o que é a *experiência existencial* entendida em sua concretude. Com isso em vista, nos perguntamos: de que modo Sartre interpreta e adapta a noção husserliana de intencionalidade para fundamentar sua própria visão da consciência? Quais implicações essa leitura tem para o desenvolvimento inicial de sua filosofia existencialista?

Para Sartre, o idealismo, com seu cortejo de teorias sobre a constituição dos fenômenos ou do seu sentido, colocava em dúvida o mundo ao redor, a vida cotidiana, a própria percepção, e só admitia realidade quando verificada, constituída ou até revisada e corrigida pelo espírito, sujeitando todo o mundo das coisas a um trabalho interno do sujeito do conhecimento, em vez de confiar na evidência perceptiva. O realismo, por seu turno, resultante do desenvolvimento da psicologia como disciplina autônoma, também é denunciado: porque este, para Sartre, cometeria o erro de reconstruir e reduzir o mundo psíquico ao fato interno constituído pela afecção sensorial, o que levava filósofos e psicólogos a estabelecerem o objeto como um absoluto que entraria em comunicação conosco por meio da sensação. Como a fenomenologia poderia evitar estes limites, mantendo a consciência aberta ao mundo e, ao mesmo tempo, não a reduzindo ao mero espelho do mundo? É o que tentaremos responder.

Trata-se de uma problemática herdada de Descartes, retomada pelo empirismo inglês e consagrada por Kant que aparece não como uma má resposta a uma boa pergunta, mas como um falso problema: pensar o objeto como algo que precisa ser

“inserido” na consciência, o que divide, imediatamente, a relação com o mundo em uma esfera interna, psíquica, e um mundo exterior cujo estatuto quase sempre é incerto. Para Sartre, esse suposto mistério é liquidado sem sofrimento e sem ruído pela fenomenologia. Pois, o *princípio da intencionalidade* anularia a própria questão de saber em que fundamento repousa a relação do que se chama em nós representação, porque a consciência está, antes, sempre direcionada ao mundo. Isso quer dizer que, para Sartre, não há representação “em nós”, porque já estamos sempre junto às coisas.

Em *Uma Ideia Fundamental da Fenomenologia de Husserl: A Intencionalidade*, Sartre mobiliza este conceito em nome da necessidade da formulação de uma filosofia que seja capaz de lidar diretamente com a contingência, compreendida aqui como a ausência de fundamentos absolutos que determinam previamente o ser do sujeito. A forma como Sartre retém de Husserl o conceito de intencionalidade irá lançar a fenomenologia em um horizonte existencial, em que, em meio à falta de qualquer essência prévia da consciência, toda a subjetividade será repensada e redefinida. Como observam alguns comentadores, embora Sartre tenha absorvido certos elementos da fenomenologia husserliana, ele o fez de forma seletiva, adaptando-os às suas próprias intenções, de tal forma que podemos afirmar, sem muita hesitação, que Sartre não foi jamais um discípulo de Husserl, mas um fenomenólogo original, que reteve de Husserl somente o que convinha ao seu próprio projeto filosófico (Coorebyter, 2003, p. 21).

De saída, notamos em Sartre uma posição de princípio que pode ser formulada da seguinte maneira: através da fenomenologia husserliana, ele deseja restaurar os direitos da percepção, restabelecer a objetividade da apreensão não corrigida do mundo e demonstrar que as coisas são inteiramente o que parecem e que por trás delas não há nada. E, do ponto de vista metodológico, tudo se passa de modo a respeitar a distinção entre imanência e transcendência, duas regiões do ser caracterizadas por modos distintos de aparecer. Para tanto, Sartre impõe um pequeno desvio à fenomenologia original, evidente desde o início: embora, nas *Investigações Lógicas*, Husserl defina a consciência pela *intencionalidade*, como uma espécie de fuga contínua de si mesma, sem um centro fixo, desafiando a ideia de um ego tanto formal quanto material no interior da consciência, é sabido que essa posição é parcialmente abandonada em *Ideias I*; contudo, é justamente ela que Sartre pretende

reivindicar como uma peça fundamental para, além de não fazer do ego um habitante da consciência, levar a fenomenologia para além das questões da Teoria do Conhecimento e fazer dela a filosofia capaz de lidar com a experiência existencial.

Parte do intuito sartreano não é apenas fazer uma crítica, ainda que muito cordial, ao idealismo transcendental fenomenológico de Husserl; trata-se, sobretudo, de sugerir que a definição da consciência pela intencionalidade é um gesto conceitual cujo propósito não se esgota em uma dimensão epistêmica, mas envolve um caráter existencial imanente. Isso porque, ao negar a presença de qualquer substância no interior da consciência, Sartre elimina também quaisquer estruturas identitárias fixas que antecedem a experiência, permitindo conceber o sujeito como absolutamente livre para constituir-se a partir de sua relação com o mundo. Em outras palavras, uma vez que a consciência não é dotada de um ego material ou formal ou qualquer outro foco de identidade prévio à ação intencional, ela está livre para constituir-se segundo aquilo que será entendido, mais tarde, como *projeto existencial*. Este é o primeiro sentido em que a contingência e a liberdade se vinculam em Sartre: em vez de estar ancorada em uma substância, a existência humana é marcada pela ausência dessa substância, de modo que o sujeito se vê irremediavelmente lançado à necessidade de criar a si mesmo.

O que lhe importava mais ainda é que essa teoria, e ela unicamente, pensava, permitia escapar ao solipsismo, o psíquico, o Ego, existindo para outras pessoas e para mim da mesma maneira objetiva. Abolindo o solipsismo, evitavam-se as armadilhas do idealismo, e Sartre em sua conclusão insistia no alcance prático (moral e político) de sua tese (Beauvoir, 2009, p. 164).

Tendo a teoria da *intencionalidade* de Husserl como seu ponto de partida e sem jamais abrir mão desse princípio, o movimento que iremos acompanhar tem por objetivo mostrar como Sartre pretende marcar uma oposição clara ao chamado *sobrevo* das filosofias que o precederam: o *primado do espiritual*. E, pretende-se deixar claro o porque somente uma filosofia que nos leve *de volta às coisas mesmas* poderia oferecer ao então jovem filósofo o ferramental teórico necessário para desconstruir as *filosofias da representação* e deslocar a filosofia francesa do terreno estritamente epistemológico, *o único em que tradicionalmente se movia*.

## II

“Ele comia com os olhos.” Essa frase e muitos outros signos marcam bem a ilusão comum ao realismo e ao idealismo, segundo a qual conhecer é comer. Após cem anos de academicismo a filosofia francesa ainda não saiu disso (Sartre, 2005, p. 55).

Desde muito jovem, Sartre relaciona correntes da filosofia e da psicologia aos interesses ideológicos e políticos de sua época, emitindo um julgamento muito severo sobre o conservadorismo estrutural da filosofia francesa universitária desde o fim do Romantismo. O academismo, como Sartre o chama, seria cúmplice de uma vontade de ordem, seja ela católica ou republicana, que conduz a filosofia e a psicologia a se afastarem de uma compreensão crítica da realidade. Todo o esforço fenomenológico empenhado por Sartre, desde o início, é para demonstrar que a realidade é feita de matéria, de carne, de sofrimentos e de sangue (Coorebyter, 2003, p. 171).

O primeiro passo desse esforço é demonstrar que os fenômenos não se dão de forma isolada, um a um; ao contrário, se dão como uma *figura-fundo*, formando uma totalidade sintética, um existindo para justificar o outro, fazendo-se impossível apreendê-los separadamente. Não que precisemos adentrar a teoria da *Gestalt* para compreender isso. Segundo Sartre, a própria fenomenologia compartilha desse conceito e o deixa suficientemente claro: “Vocês veem esta árvore aqui - seja. Mas a veem no lugar exato em que está: à beira da estrada, em meio à poeira, só e curvada sob o calor, a vinte léguas da costa mediterrânea” (Sartre, 2005, p. 55).

Tratar os objetos da consciência como representações autossuficientes implica, para Sartre, na distorção da realidade do objeto, uma vez que se ele fosse destacado do contexto em que aparece, perderia sua facticidade e se converteria em uma abstração. Ou seja, cairíamos na armadilha idealista que diferencia de maneira radical o ser do objeto de sua apreensão pela consciência, sua aparição. E, ao contrário, na fenomenologia, conforme Sartre a reivindica, o fenômeno só pode ser dado e compreendido em *situação*, como parte de uma experiência concreta, encarnada. A árvore, por si só, não pode nos dizer nada; ela não existe senão como um conceito. Para que o conhecimento fenomenológico seja possível, é preciso situá-la: não uma árvore qualquer, mas *esta* árvore, inserida em seu contexto específico. Somente assim o real se apresenta de modo concreto e inteligível.

Mas, ainda que o objeto não fosse isolado e tentassem forçar a entrada da árvore na consciência junto do lugar exato em que ela está, não teriam sucesso, pois a natureza desses objetos e da consciência é inteiramente distinta<sup>1</sup>: a consciência é transcendente, a árvore e seus demais são imanentes. A transcendência diz respeito à consciência enquanto fluxo intencional; a imanência ao objeto visado, mas ambos formam uma única cena fenomenal. São dois seres que carregam qualidades diferentes e, em virtude disso, a comunicabilidade entre eles não pode ser pensada como uma assimilação ou absorção. A consciência não se apropria do objeto transformando-o em uma imagem interiorizada; ao contrário, ela sempre se projeta em direção a ele. Essa diferença ontológica é fundamental, precisamos tê-la sempre em mente, pois respeitar a distinção entre imanência e transcendência, ao mesmo tempo em que ambas formam uma mesma cena fenomenal, será um dos fios condutores para compreendermos a unidade do projeto sartreano, que tem início neste artigo sobre a *intencionalidade* e deságua em *EN*<sup>2</sup>.

Sartre preserva a autonomia ontológica do objeto (contra o idealismo) sem, contudo, conceber que ele possa ser descrito independentemente de sua relação com a consciência, ou sem antes ser visado por uma consciência (contra o realismo). Por isso, em *A Intencionalidade*, ele não faz da “árvore em seu pedaço de terra gretada” um absoluto que *em seguida* entraria em comunicação conosco. Não há, para Sartre, a expressão “transcendência da coisa em relação à consciência”, ao contrário, é a consciência que transcende em direção à coisa, o que faz do mundo algo relativo à

<sup>1</sup> Sartre, J.-P. *A Intencionalidade*, (pt) p. 55-56; (fr), p. 87.

<sup>2</sup> Embora não pretendamos nos aprofundar neste momento, uma pequena passagem serve para justificar a nossa posição: no capítulo intitulado “*A Transcendência*” em *EN*, Sartre dirá que a qualidade fundamentalmente distinta entre o ser *em-si* (imanente) e *para-si* (transcendente) faz do *em-si* uma presença perpetuamente fora do alcance, o que significa ser impossível que um adentre o outro. Sartre, inclusive, retoma neste trecho os mesmos termos e as metáforas utilizadas no artigo sobre a *intencionalidade*. Diz: “As descrições do conhecimento são com muita frequência alimentárias. Ainda resta muito da pré-lógica na filosofia epistemológica, e ainda não nos desembaraçamos desta ilusão primitiva [...] segundo a qual conhecer é comer, ou seja, ingerir o objeto conhecido, preencher-se com ele e digeri-lo (“assimilação”) (Sartre, 2015, p. 250). Para Sartre, o ser que é o que é, a árvore, o *em-si*, *aparece* a uma consciência, mas não pode inserir-se na trama desta consciência por sua diferenciação ontológica. A abstração que tornaria isso possível, separar aquilo que está unido, desintegraria o ser, uma vez que este se dá sempre no fundo da totalidade que lhe confere sentido e o faz íntegro em seu perfil. Seguir este caminho é seguir o rumo da falácia do idealismo: “Foi o que mostraram claramente as experiências dos pintores, Cézanne em particular: não é verdade, como supõe Husserl, que uma necessidade sintética una incondicionalmente cor e forma; a forma é que é cor e luz; se o pintor faz variar qualquer um desses fatores, os outros também variam, não porque estejam ligados por não se sabe que lei, mas porque, no fundo, são um único e mesmo ser” (Sartre, 2015, p. 249-250).

consciência<sup>3</sup> para adquirir sentido. Sartre segue o que escreve Husserl nos parágrafos 47 e 49 de *Ideias I*: as coisas só se tornam coisas ou, para usarmos o jargão ontológico, o ser só se mostra na experiência, entendida como a relação entre consciência e objeto. A experiência é unicamente o que prescreve sentido às coisas *das quais fazemos enunciados, sobre as quais podemos discutir e decidir racionalmente* (Husserl, 2006, p. 111-112). Os objetos são mudos, não podem dizer nada sem uma consciência para ouvi-los. Por isso não se trata de realismo, porque o objeto não conserva em si uma realidade, uma unidade de duração que existiria fosse ela percebida ou não. Mas como conciliar essa ideia com a independência ontológica do objeto sem cair na armadilha da *coisa-em-si* kantiana?

Na concepção fenomenológica, as coisas somente o são segundo o seu *sentido*. Este *sentido* é construído pela consciência através da experiência, o que faz do objeto um *ser-para-a-consciência* (Husserl, 2006, p. 116). Contudo, vale frisar que isso designa o modo de aparecer e o sentido, não a redução do ser do objeto ao seu sentido. O ser do objeto é, simplesmente, desvelado a partir da experiência que a consciência tem dele. Sem a experiência, não é que o objeto não exista, mas ele não é pensável.

A facticidade do objeto e a ideia de *totalidade/gestalt* demonstram que ele se dá em meio a uma estrutura relacional a qual transcende a consciência e se insere na concretude do mundo, impossibilitando sua redução a uma mera imagem mental ou construção conceitual abstrata. O objeto impõe sua materialidade e seu contexto ao mesmo tempo. No entanto, isso não elimina a relação que o objeto deve ter com a consciência para que ele adquira *sentido*. Significa que: quando dizemos *ser-para-a-consciência*, queremos comunicar que a manifestação do objeto, o fenômeno, só se dá em relação à intencionalidade da consciência. Não quer dizer que o ser do objeto é reduzido à sua aparição, mas tampouco afirmar que haverá uma *coisa-em-si* inacessível.

O objeto é o que é para a consciência tal como aparece: por meio de *perfis*. Porém, a ideia de *totalidade* abrange os lados “ausentes” do objeto, permitindo que a consciência tenha sua compreensão como um todo. A percepção, com isso, é um ato intencional dinâmico que captura o objeto em sua totalidade continuamente: envolve tanto os lados visíveis quanto os não-visíveis, mas antecipados. Se a consciência

<sup>3</sup> Sartre, J.P. *A Intencionalidade*, (pt) p. 56; (fr) p. 88.

fosse capaz de apreender todos os perfis de uma só vez estaríamos lidando com uma ideia abstrata, não com um objeto concreto. A *intencionalidade*, compreendida enquanto um *fluxo de retenções*, “alcança” o objeto completo mesmo que a consciência não o apreenda completamente num só instante.

Assim a independência ontológica do objeto está mantida, porque ele não foi reduzido a uma construção subjetiva, mas considerado como aquilo que se mostra sempre além do ato atual da percepção. E, ao mesmo tempo, não há o inacessível, porque o objeto é plenamente dado através da síntese dinâmica de perfis e horizontes intencionais, sendo conhecido exatamente na medida em que se mostra. A fenomenologia não postula uma realidade última, incognoscível e separada da experiência. O objeto é um *ser-para-a-consciência* porque sua presença e sentido só podem ser compreendidos a partir de um ato intencional da consciência, sem que isso implique que haja algo oculto “por trás” do fenômeno.

Sobre o outro lado da correlação, a consciência, Sartre escreve:

É que Husserl vê na consciência um fato irreduzível, que nenhuma imagem física pode exprimir. A não ser, talvez, a imagem rápida e obscura da explosão. Conhecer é “explodir em direção a”, desvencilhar-se da úmida intimidade para fugir, ao longe, para além de si em direção ao que não é si mesmo, para perto da árvore e no entanto fora dela, pois ela me escapa e me rechaça e não posso me perder nela assim como ela não pode se diluir em mim: fora dela, fora de mim (Sartre, 2005, p. 56).

A grande dificuldade em analisar este texto é a sua estética demasiadamente literária, o seu excesso de metáforas. Boa parte do trabalho consiste em decifrá-las. Quando Sartre diz “*explodir em direção a*”, tentando comunicar a sua interpretação sobre a forma da consciência em Husserl, entendemos que ele quer marcar seu antagonismo às filosofias da interioridade: a *filosofia alimentar* é centrípeta; nela, tudo é deglutido. Sartre, então, abusa de imagens centrífugas para defender sua posição: *explosão, deslizamento, fuga*, etc: “se, por impossível, vocês entrassem ‘dentro’ da consciência seriam tomados por um turbilhão e repelidos para fora, para perto da árvore, em plena poeira” (Sartre, 2005, p. 56). Tal turbilhão, ao qual Sartre se refere, não aponta somente para o fluxo dos vividos, enquanto escoamento temporal da experiência, mas sim para a própria intencionalidade da consciência. Isto é: não se trata apenas do fato de que a consciência se manifesta como um fluxo, mas de que cada vivido desse fluxo é necessariamente direcionado para um objeto transcendente.

Se a consciência não tem interior, não é simplesmente porque ela é fluxo, mas porque nunca se contém em si mesma: seu ser é sempre ser consciência de algo que não ela. Por essa razão, Sartre escreve a palavra *dentro* na citação acima entre parênteses. Pois, “a consciência não tem interior, ela não é nada senão o exterior de si mesma” (Sartre, 2005, p. 56). Cada ato de consciência é estruturado por essa abertura ao mundo e é nesse sentido que devemos entender o turbilhão: não como uma metáfora para a mera sucessão temporal dos vividos, mas como a própria necessidade da consciência de se projetar para fora de si, em direção ao objeto intencional<sup>4</sup>.

Aos poucos, através dessa rede de alegorias, Sartre introduz: a intencionalidade é *essa necessidade da consciência de existir como consciência de qualquer coisa que não ela mesma*<sup>5</sup>.

Imaginem agora uma sequência encadeada de explosões que nos arrancam de nós mesmos, que não deixam a um “nós mesmos” sequer o ócio de se formar através delas, mas que nos jogam, ao contrário, além delas, na poeira seca do mundo, sobre a terra rude, entre as coisas; imaginem que somos assim repelidos, abandonados por nossa própria natureza em um mundo indiferente, hostil e recalcitrante. Vocês terão captado o sentido profundo da descoberta que Husserl exprime nesta famosa frase: “Toda consciência é consciência de alguma coisa” (Sartre, 2005, p. 56).

Sartre reivindica o que Husserl demonstra no capítulo dois da *quinta investigação lógica* (LU), intitulado “Consciência como Vivência Intencional”: a *intencionalidade* seria o único conceito capaz de exprimir a essência da consciência. Para tanto, Husserl retoma de Brentano sua delimitação entre *fenômenos físicos e fenômenos psíquicos*: os fenômenos psíquicos são definidos como intencionais, enquanto os físicos são definidos como não intencionais. Isso equivale a dizer que todo e qualquer fenômeno psíquico contém em si algo como objeto:

Na percepção, qualquer coisa é percebida; na consciência figurativa, qualquer coisa é figurada; na asserção, qualquer coisa é asserida; no amor, qualquer coisa é amada; no ódio, odiada; no desejo, qualquer coisa é desejada, etc. (Husserl, 2015, p. 315).

<sup>4</sup> Neste movimento se inscreve a gênese da crítica sartreana ao *Eu puro* de Husserl, questão que ele enfrentará logo a seguir, em *A Transcendência do Ego*.

<sup>5</sup> Sartre, *A Intencionalidade*, (pt) p. 57; (fr) p. 89.

Dizer que todo ato psíquico é intencional nos proíbe de encontrar na consciência um objeto que lhe seja próprio, um ato sem um correlato mundano: e *de um só golpe, a consciência está purificada; está clara como uma ventania, não há nada nela a não ser um movimento para fugir de si, um deslizar para fora de si*<sup>6</sup>. A consciência não é nada senão este ato psíquico de visar um objeto e é precisamente isso que quer dizer *intencionalidade*. Se todo ato psíquico é voltado para fora de si, devemos excluir imediatamente a possibilidade da consciência ser repositório de representações mentais e, deste mesmo modo, a noção idealista de que a consciência transforma as coisas em espírito e as devora para relacionar-se com elas.

Segundo Husserl, e Sartre parece estar de acordo com isso, expressões do tipo “entrar na consciência” deverão ser evitadas (Husserl, 2015, p. 319). Se quisermos falar de uma *relação* entre a consciência e os objetos, devemos nos afastar de qualquer sentença que sugira algo existindo *dentro* da consciência. Afinal, ao contrário, o objeto é simplesmente *visado, tido em vista* pela consciência, está presente *junto à* consciência, jamais *na* consciência. É por essa razão que Sartre afirma em seu texto: *a consciência e o mundo são dados de uma só vez*<sup>7</sup>. Significa que a consciência não contém o objeto, mas o ultrapassa na própria visada, instaurando uma relação direta com o mundo, relação essa que só pode receber o adjetivo de *descritiva*, não representativa. Visar o objeto já é uma vivência e é a descrição deste *vivido* que a fenomenologia dará cabo.

Imagens internas em oposição a objetos externos não podem ser aceitas pela fenomenologia. Toda representação pressupõe um objeto intencionalmente dado à consciência. Na essência fenomenológica da consciência está contida toda e qualquer relação com uma objetividade, de modo que o objeto da representação é o mesmo que o seu objeto efetivo e que é um contrassenso distinguir entre ambos. Este ponto de vista de Husserl faz da consciência e do mundo dois existentes rigorosamente interdependentes. Sartre carregará essa lição como o principal legado da fenomenologia e que o aproximará, mais tarde, de Heidegger.

“Ser, diz Heidegger, é estar-no-mundo” (Sartre, 2005, p. 56). Assim como a *figura-fundo* dos *gestaltistas* é um conceito fundamental para a compreensão da realidade, para Sartre o conceito de *ser-no-mundo* é tão fundamental quanto, pois

<sup>6</sup> Sartre, *A Intencionalidade*, (pt) p. 56; (fr) p. 88.

<sup>7</sup> Sartre, *A Intencionalidade*, (pt) p. 56; (fr) p. 88.

revela um todo estrutural conseqüente à abordagem fenomenológica e à compreensão da consciência enquanto intencionalidade. Além do que, subjaz aí uma compreensão de ser enquanto movimento, jamais estático e determinado: “Compreendam esse ‘estar-no’ como um movimento. Ser é explodir para dentro do mundo, é a partir de um nada de mundo e de consciência para subitamente explodir-como-consciência-no-mundo” (Sartre, 2005, p. 56-57).

Não pretendemos ir tão longe e forçar uma interpretação heideggeriana deste texto, pois sabemos que os estudos verdadeiramente detidos das obras de Heidegger feitos por Sartre serão posteriores. Mas é notável já aqui alguma influência ao menos da forma heideggeriana de interpretar Husserl. Quer dizer, é Heidegger quem leva Sartre a chamar a fenomenologia de *filosofia da transcendência*<sup>8</sup>, conforme os apontamentos feitos por Coorebyter (2003, p. 172), no sentido de ver na consciência um ser do transcender-se, do projetar-se para além de si. É óbvio que Sartre extrai desses autores um tom inteiramente pessoal. Talvez os autores alemães não concordariam em nada com tudo o que Sartre escreve aqui. Mas, talvez, essa influência embrionária de Heidegger é o que nos permite compreender o porquê, em *A Intencionalidade*, Sartre já demonstra que não haverá subjetividade que se feche em si mesma. Se o autor diz que a subjetividade é um absoluto, é simplesmente porque ela não é relativa à experiência, antes, é a própria condição de possibilidade da experiência. No entanto, a subjetividade deve ser compreendida como um absoluto não substancial. Para Sartre, só assim respeitaremos a pureza da *intencionalidade*.

A forma aparentemente simples pela qual Sartre define a *intencionalidade* carrega em si toda sua compreensão da fenomenologia: elimina o preconceito idealista segundo o qual a consciência está encerrada em suas próprias representações e o preconceito realista de que a consciência não é mais que um reflexo na superfície do mundo real. A consciência, pela *intencionalidade*, estaria, por princípio, voltada não para investigar seus conteúdos, mas para se transcender em direção ao mundo. A consciência se desloca em direção ao objeto; não é nada sem ele. E, de forma definitiva e radical, este *cogitatum* é, desde o início, exterior, transcendente à consciência. Sartre demonstra, por fim, que a consciência, fora do caso particular da reflexão, não se mira a si mesma, mas se estende diretamente para seus correlatos intencionais.

---

<sup>8</sup> Sartre, *A Intencionalidade*, (pt) p. 56; (fr) p. 88.

Todos os atos psíquicos têm um correlato transcendente: é precisamente o que Sartre defende no artigo sobre a intencionalidade, como quem tivesse acabado de encontrar a chave tão esperada para seu pensamento em desenvolvimento. Com essa rigorosa interdependência entre a consciência e o mundo, formando juntos uma totalidade indissociável, Sartre expressa o que mais lhe impressionou em Husserl: a ideia de que o correlato da consciência é inseparável da consciência, sem, no entanto, estar contido nela. Eles formam juntos *um mundo indiferente, hostil e rebelde*, que o *Espírito-Aranha da filosofia digestiva* nunca conseguirá capturar em sua teia para reduzir à sua própria substância.

Husserl reinstalou o horror e o encanto nas coisas. Ele nos restituiu o mundo dos artistas e dos profetas: assustador, hostil, perigoso, com portos seguros de dádiva e de amor. [...] pois, afinal de contas, tudo está fora, tudo, até nós mesmos: fora, no mundo, entre os outros. Não é em sei lá qual retraimento que nos descobriremos: é na estrada, na cidade, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homem entre os homens (Sartre, 2005, p. 57).

### III

Em relação a Husserl, Sartre introduz uma inflexão decisiva ao nomear de translucidez ou leveza a maneira como a consciência se entrega de forma absoluta na imanência e, com isso, reforça a ideia de que a fenomenologia deve conduzir à experiência direta das coisas mesmas, permitindo retomar o contato com o mundo – um mundo que as filosofias da interioridade haviam perdido ao recuar para as condições transcendentais ou psíquicas dos fenômenos.

A *Intencionalidade* e os demais estudos críticos de Sartre acerca da fenomenologia, de uma forma geral, lançarão luz na reflexão sobre a consciência argumentando que a realidade filosófica central é o ser humano. Com isso, ele não apenas coloca o ser humano como o ponto focal da filosofia, mas também defende que a realidade é fundamentalmente humana, independentemente da perspectiva que adotamos. Isso ocorre não apenas porque a realidade é inicialmente percebida através da consciência humana, mas também porque qualquer aspecto da realidade só ganha significado quando é interpretado dentro do contexto da consciência humana. Ainda que a apropriação feita por Sartre dos fenomenólogos alemães seja bastante conveniente e pouco exegética, justifica-se por servir a este propósito humanista-existencial. No texto que acabamos de analisar, esse propósito ganha os

seus primeiros contornos, mas será consumado efetivamente a partir de *EN*. Afirmamos isso, porque, em *EN* os termos de *A Intencionalidade* e até mesmo essa torção que Sartre faz de Husserl e Heidegger serão retomados de maneira a construir o ferramental teórico do existencialismo sartreano. Como podemos brevemente elucidar com a citação abaixo:

Um dos rumos da filosofia contemporânea é ver na consciência humana algo como um escapar-se a si: daí o sentido da transcendência heideggeriana; e a intencionalidade de Husserl e Brentano também possui, em mais de um aspecto, o caráter de arrancamento de si mesma (Sartre, 2015, p. 68).

Concluimos que a consciência, sendo nada além de um movimento intencional, é livre por estrutura. A abertura constante da consciência ao mundo já implica na ausência de fundamento e na contingência de seu ser. E, assim, a fenomenologia, partindo do princípio da intencionalidade e levando-o até às últimas consequências, para Sartre, deveria alçar voos como a mais materialista das filosofias, em franca oposição ao idealismo transcendental fenomenológico de Husserl, e assumir a tarefa de lidar com as resistências externas, o sofrimento, a fome e a guerra, recolocando o homem no mundo e dando o devido peso às suas angústias e revoltas; portanto, deslocando-a para uma abordagem filosófica-existencial. Contudo, para que isso fosse possível, seria necessário ainda eliminar um obstáculo: o *Eu puro* habitando a consciência e reificando-a. Seria preciso despojar a consciência deste último conteúdo.

O *Eu puro* persistia porque, passada a etapa crítica da fenomenologia, em sua etapa construtiva, ou seja, na busca por um fundamento seguro, universal e indubitável, Husserl toma o *Eu puro* como a única evidência adequada e apodítica possível, o que Sartre não concordará jamais. Para Sartre, sustentar a posição de um *Eu puro* como estrutura da consciência permitiria à consciência escapar do mundo sempre que necessário, retornando continuamente a este Eu. A derrocada dessa posição será o gesto mais radical que o jovem filósofo francês carregará como consequência de seu artigo *Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: A intencionalidade*. Isso porque, a intencionalidade, conforme entendida por Sartre, ao basear-se na distinção ontológica entre *ser-consciência* (transcendência) e *ser-que-se-anuncia-à-consciência* (imanência), não traz em si a possibilidade de retorno a qualquer coisa supostamente escondida no interior da consciência, seja o *Eu puro* ou

qualquer outro conteúdo permanente. Encontrar e justificar um campo transcendental sem sujeito será o próximo passo desenvolvido por Sartre.

## Referências

BEAUVOIR, Simone. **A força da idade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

COOREBYTER, Vincent. Introduction & notes. *In*: SARTRE, Jean-Paul. **La Transcendance de l'Ego**: Et autres textes phénoménologiques. Textes introduits et annotés: V. de Coorebyter. Paris: VRIN Éditeur, 2003.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Aparecida: Editora Ideias & Letras, 2006.

HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. *In*: **Situações I**: Crítica Literária. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

SARTRE, Jean-Paul. Une Idée Fondamentale de la Phénoménologie de Husserl: L'Intentionnalité. *In*: **La Transcendance de l'Ego**: Et autres textes phénoménologiques. Textes introduits et annotés: V. de Coorebyter. Paris: VRIN Éditeur, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

Recebido: 04/09/2025  
Aprovado: 20/10/2025